



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS - CSSA
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE JORNALISMO**

JOÃO CARLOS GOMES TRAJANO

**SIGNOS E FIGURAS DE LINGUAGEM DE CAMPINA GRANDE EM FOLHETOS
DE CORDEL**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - TCC

**CAMPINA GRANDE
2025**

JOÃO CARLOS GOMES TRAJANO

**SIGNOS E FIGURAS DE LINGUAGEM DE CAMPINA GRANDE EM FOLHETOS
DE CORDEL**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao Curso de Jornalismo da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Roberto Faustino da Costa

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

T768s Gomes Trajano, João Carlos.
Signos e figuras de linguagem de Campina Grande em folhetos de cordel [manuscrito] / João Carlos Gomes Trajano. - 2025.
22 f. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2025.
"Orientação : Prof. Dr. Antonio Roberto Faustino da Costa, Departamento de Comunicação Social - CCSA".
1. Literatura de Cordel. 2. Semiótica. 3. Figuras de ILinguagem. 4. Campina Grande-PB. I. Título
21. ed. CDD 070.4

JOAO CARLOS GOMES TRAJANO

SIGNOS E FIGURAS DE LINGUAGEM DE CAMPINA GRANDE EM FOLHETOS
DE CORDEL

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso
de Jornalismo da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do título de Bacharel
em Jornalismo

Aprovada em: 06/06/2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado eletronicamente por:

- **Antonio Roberto Faustino da Costa** (***.779.704-**), em **14/06/2025 20:21:51** com chave **5a1698f4497611f0bcd1a7cc27eb1f9**.
- **Ingrid Farias Fechine** (***.929.144-**), em **16/06/2025 06:19:36** com chave **05cbb98c4a9311f0923e06adb0a3afce**.
- **Orlando Angelo da Silva** (***.478.604-**), em **16/06/2025 09:00:03** com chave **6fc6d8104aa911f0a8aa1a7cc27eb1f9**.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QrCode ao lado ou acesse https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/ e informe os dados a seguir.

Tipo de Documento: Folha de Aprovação do Projeto Final

Data da Emissão: 16/06/2025

Código de Autenticação: 0cb42c



*“Graças dou por esta vida: pelo bem que revelou
Graças dou pelo futuro, e por tudo que passou
(...)
Pela lágrima vertida, pelo alívio que é sem par
Pelo dom da eterna vida, sempre graças hei de dar!”*

Harpa Cristã, nº 597

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 O CORDEL BRASILEIRO.....	9
3 METODOLOGIA.....	10
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	13
4.1 Campina dos meus amores.....	13
4.2 Campina Grande, a viola e as belezas do Nordeste.....	15
4.3 A mulher que castrou o marido em Campina Grande.....	16
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
REFERÊNCIAS.....	20

SIGNOS E FIGURAS DE LINGUAGEM DE CAMPINA GRANDE EM FOLHETOS DE CORDEL

João Carlos Gomes TRAJANO¹

RESUMO

O artigo apresenta um estudo com folhetos de cordel que abordam aspectos sociais e culturais regionais. Baseado na pesquisa “Campina Grande Representada na Literatura de Cordel: Uma Análise Semiótica do Humor, Romance e Aventura”, além de conceitos semióticos, utiliza figuras de linguagem, com o objetivo de identificar e descrever representações simbólicas presentes na linguagem audiovisual do cordel. Os folhetos foram selecionados junto ao acervo virtual da biblioteca Átila Almeida da Universidade Estadual da Paraíba, onde encontra-se o maior acervo de cordéis do mundo, a partir da palavra-chave “Campina Grande”. Os resultados mostram uma vasta riqueza de detalhes do contexto sociocultural, econômico e político da cidade de Campina Grande, na época em que os cordéis foram escritos. Também apontam para as percepções dos poetas a respeito das vivências particulares e sociais de cada um.

Palavras-chave: Literatura de Cordel; ⁷Semiótica; Figuras de Linguagem; Campina Grande.

ABSTRACT

The article presents a study of cordel pamphlets that address regional social and cultural aspects. Based on the research “Campina Grande Represented in Cordel Literature: A Semiotic Analysis of Humor, Romance and Adventure”, in addition to semiotic concepts, it uses figures of speech with the aim of identifying and describing symbolic representations present in the audiovisual language of cordel. The pamphlets were selected from the virtual collection of the Átila Almeida library of the State University of Paraíba, which houses the largest collection of cordel in the world, using the keyword “Campina Grande”. The results show a vast wealth of details about the sociocultural, economic and political context of the city of Campina Grande at the time the cordels were written. They also point to the poets’ perceptions regarding the particular and social experiences of each one.

Keywords: Cordel Literature; Semiotics; Figures of Speech; Campina Grande.

1 INTRODUÇÃO

O artigo ora apresentado dá continuidade aos estudos sobre a Literatura de Cordel, envolvendo a catalogação e análise de folhetos, com temas atualmente de interesse voltados à preservação da história e da memória da cidade de Campina Grande e do Agreste paraibano. Partindo das narrativas orais e da cultura escrita, toma-se como base de pesquisa o rico acervo de cordéis da Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida, sediada no Campus I da

¹ Graduando em Jornalismo – Universidade Estadual da Paraíba. Autor. Email: trajanojornalismo@gmail.com

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), uma das mais referenciadas do Brasil e do mundo.

No ano de 2003, o Governo do Estado da Paraíba adquiriu o acervo pessoal do professor e pesquisador Átila Almeida e o concedeu à UEPB. A partir dali, a instituição ficou responsável pela guarda, manutenção e conservação da coleção, à qual foram sendo acrescentados acervos de outros autores, tais como: Gilmar de Carvalho, Raymundo Asfora, Severino Bezerra de Carvalho e Manoel Monteiro. A biblioteca conta atualmente com mais de 18 mil cordéis, incluindo títulos raros, datados a partir de 1907 e abrangendo temáticas as mais variadas: religião, aventura, peleja, animais, romances históricos, Idade Média, namoro, reino, conto, Brasil colonial, sátira, Sertão, casamento, abandono político.

Há pouco mais de duas décadas, durante o Curso de Mestrado Interdisciplinar em Ciências da Sociedade da UEPB, Silva (2007) já desenvolvia dissertação sobre o tema “Literatura Popular e Jornalismo: a Literatura de Cordel no Caderno de Cultura do Diário da Borborema”. O eixo central da pesquisa foi analisar a divulgação do cordel no DB, jornal impresso publicado em Campina Grande, especialmente, no período compreendido entre junho de 2005 e julho de 2006, identificando e avaliando as razões que evidenciavam a existência de um espaço para o gênero, no âmbito da imprensa local.

Os dados apontaram que a Literatura de Cordel foi abordada no Caderno de Cultura do Diário da Borborema de forma tímida. O espaço disponibilizado aos folhetos, na categoria notícias, nas edições de sábado e domingo, foi de 1,27%, baixo portanto, quando comparado a outros gêneros também abordados. Uma demonstração de que faltava ao jornalismo reflexão acerca do papel que o cordel sempre representou para a cultura local, marcando época como veículo de comunicação - não apenas pela irreverência de seus versos ousados - sobre vários aspectos do cotidiano do povo nordestino, especialmente, paraibano.

Em suas conclusões, o pesquisador alertava que a utilização da mídia não pode ser vista como uma rendição da cultura popular à Indústria Cultural, mas principalmente como um instrumento de difusão do cordel e que a força da mídia é fundamental para que o gênero se adapte às inovações técnico-científicas. Com a análise dos números catalogados abriu-se o debate junto aos cordelistas, aos pesquisadores e à própria editoria de cultura do DB, cujos profissionais jornalistas foram entrevistados, em busca de compreender a dinâmica de divulgação da literatura popular por parte da mídia impressa regional.

Na última década foi realizada uma série de estudos acerca dos folhetos de cordel, continuando tendo como base o rico acervo da Biblioteca Átila Almeida da UEPB, não apenas objetivando dar continuidade e atualizar o debate então provocado pela pesquisa de Silva

(2007). Objetivou-se, a partir daí, ampliar e aprofundar o diálogo com diferentes campos do saber, adotando novos aportes teórico-conceituais e tomando como referencial empírico-metodológico novos objetos de análise.

As pesquisas mais recentes foram realizadas entre os anos de 2022 e 2024. “Campina Grande representada na Literatura de Cordel: comunicação, história e memória” foi desenvolvida junto ao EDITAL 04/2022 - PRPGP/UEPB Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica UEPB/CNPq, cota 2022-2023:

Pendurados em barbantes, os folhetos de cordel narram acontecimentos do cotidiano, envolvendo contextos políticos, históricos e sociais; criam cenários cômicos, fictícios e que divertem o leitor; falam de amor, traição, ganância e trazem a moral da história na última página. (SILVA; TRAJANO, 2025, p. 243)

Tendo como base metodológica a Análise de Conteúdo, o estudo objetivou reconhecer como os cordéis abordavam a perspectiva da preservação da memória e identidade da cidade; correlacionar o período narrado com outros registros históricos e sociais (CADÓ, 2021; OLIVEIRA, 2020); e compreender a fala dos autores a respeito dos elementos de narrativas orais presentes nos folhetos.

A última pesquisa realizada, intitulada “Campina Grande representada na Literatura de Cordel: uma análise semiótica do humor, romance e aventura”, foi desenvolvida junto ao EDITAL 08/2023 - PRPGP/UEPB Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – Ações Afirmativas – FAPESq/UEPB. Pretendeu o estudo, a partir de uma análise semiótica, examinar como os gêneros literários humor, romance e aventura recorrentes nos folhetos utilizavam o mundo simbólico para representar contextos históricos, sociais e paisagísticos da cidade: “Através da perspectiva semiótica, será possível dimensionar através dos versos e das imagens estampadas no cordel a constituição simbólica da Rainha da Borborema.” (PIBIC/FAPESq/UEPB, cota 2023-2024)

Na linha dos estudos e pesquisas anteriores, o artigo ora apresentado parte da seguinte questão-problema: como os poetas dos cordéis utilizaram a comunicação dos folhetos para representar os contextos sociais de Campina Grande?

2 O CORDEL BRASILEIRO

De acordo com Assis (2022), com o surgimento da imprensa na Europa, a partir do século XVI, começaram a circular em Portugal folhetos com textos escritos e impressos em formatos de livretos, na medida 11x15cm. Esse formato de mídia foi chamado de Literatura de Cordel, independentemente do conteúdo escrito (seja poético ou não). Já a literatura de cordel brasileira é essencialmente poética.

Teixeira (2008) afirma que, no Brasil, o termo “Literatura de cordel” foi aplicado aos folhetos, em meados dos anos 1960, adotando a denominação utilizada em Portugal, devido ao formato do folheto. Ainda segundo a autora, a palavra “cordel” é derivada de “cordão”, uma vez que os folhetos ficavam pendurados em cordões ou barbantes para serem vendidos nas feiras.

O cordel escrito com base na poesia popular, como conhecemos hoje, teve origem no século XIX, no Nordeste brasileiro, especialmente na Paraíba, quando o poeta Leandro Gomes de Barros (1868-1919) registrou o primeiro folheto em 1893. Desde então, a literatura popular foi difundida para outras regiões do país, a partir de trocas de experiências entre o povo (TEIXEIRA, 2008).

Antes mesmo de ser escrito e pendurado em barbantes, a poesia no estilo de cordel era declamada por poetas populares através de cantorias, emboladas e outros movimentos culturais, como forma de manter a tradição da oralidade nas comunidades do Nordeste (BRASIL, 2018).

Para Moreira (2015, *apud* Zumthor, 1993), a oralidade é a base da comunicação humana. Com a evolução técnica, a escrita passou a desempenhar uma função central na organização do saber e da memória cultural. No entanto, a escrita não elimina a oralidade; o falar está presente no discurso escrito em diversas formas, seja na entonação, na postura ou na performance do orador. Ou nas palavras de Zumthor (1993), a voz persiste na escrita como “verbo encarnado na escritura”, evidenciando a interdependência entre os dois modos de expressão.

Segundo Santos (2016, *apud* Luyten, 2007), cerca de 80% dos cordéis são escritos em forma de sextilha, ou seja, a estrofe tem seis versos, seguindo o esquema ABCBDB (isto é: o 2º, 4º e 6º versos são rimados). Os demais podem ser escritos com sete ou dez versos.

Em um contexto de oralidade, os padrões rítmicos e métricos funcionam como um resistente suporte de memorização. Assim, a tríade rima, métrica e oração constitui o alicerce sobre o qual os poemas se assentam (BRASIL, 2018).

Os contextos históricos e de construção do cordel brasileiro, reforçam a particularidade deste meio de comunicação e a importância de usá-lo como objeto de estudo como forma de preservação sociocultural do Nordeste.

3 METODOLOGIA

O primeiro axioma da comunicação diz que “é impossível não se comunicar” (WATZLAWICK; BEAVIN; JACKSON, 1967, p.45). Tudo o que lemos, ouvimos, consumimos, escrevemos, passa alguma mensagem, seja intencional ou não. Para Volli

(2007), nossa interpretação do mundo e dos comportamentos ao nosso redor se baseia em traços e classificações que atribuem significados às coisas.

É aqui que entra a semiótica. Segundo Santaella (2003), a semiótica é a ciência que investiga todas as linguagens possíveis, tendo como objetivo a análise “dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e de sentido.”

As impressões em papel colorido e os desenhos em xilogravuras, também são aspectos característicos do cordel. Seja a linguagem verbal ou não verbal, cada parte do folheto é singular e traz um sentido para o contexto no qual foi escrito.

[...] em todos os tempos, grupos humanos constituídos sempre recorreram a modos de expressão, de manifestação de sentido e de comunicação sociais outros e diversos da linguagem verbal, desde os desenhos nas grutas de Lascaux, os rituais de tribos "primitivas", danças, músicas, cerimoniais e jogos, até as produções de arquitetura e de objetos, além das formas de criação de linguagem que viemos a chamar de arte: desenhos, pinturas, esculturas, poética, cenografia etc. (SANTAELLA, 2003, p. 11).

Para Pignatari (2004), a teoria semiótica permite ao leitor interpretar sistemas de signos tanto da linguagem não verbal (como desenhos ou fotografias), como também permite a compreensão de signos verbais, como a escrita.

Por aí, pode perceber-se a importância da Semiótica para o estudo da Literatura, uma vez que situar mais claramente o signo verbal em relação aos demais signos é uma tarefa de primeira ordem, uma verdadeira “prova vestibular” para a compreensão do fenômeno literário. (PIGNATARI, 2004, p. 22)

O filósofo Charles Sanders Peirce estabeleceu uma relação triádica entre objeto, signo e interpretante, onde as definições interagem entre si. O objeto é aquilo que é real, palpável, que pode ser tocado ou experimentado. O signo é aquilo que representa o objeto, como uma imagem, um som ou o nome do objeto escrito. E o interpretante, é aquilo que o pensamento humano codifica ao ter contato com o signo, ou seja, o que se imagina ser o objeto (SANTAELLA, 2003).

Outro ponto é que o signo é um sistema dividido em três pontos: ícone, índice e símbolo. Veja o que diz Santaella (2003):

- Ícone: possui semelhança física com o objeto que representa (uma fotografia de um carro);
- Índice: aponta para o objeto de referência através de vestígios, impressões ou ações que remetem ao objeto (o som que um carro faz);
- Símbolo: Não possui semelhança física com o significado real (a palavra “carro”).

Dantas (2014), no livro “As figuras de linguagem na linguagem do cordel”, define figuras de linguagem como recursos que o escritor (ou quem declama o cordel) utiliza para dar “à frase outra roupagem, no intuito de deixar bem expressiva a mensagem”.

O autor detalha ainda que existem três classificações de figuras de linguagem que são aplicadas ao cordel:

- Figuras de palavras: acontece quando uma palavra é aplicada na frase em sentido diferente ao que é comumente utilizado, como a metáfora²;
- Figuras de construção: são as que mexem com a construção e a organização da frase. Quando aplicadas, podem tirar o sentido da oração ou modificar a concordância verbal para favorecer a entonação da leitura do cordel, como o pleonasmo³;
- Figuras de som: Quando o autor utiliza-se de fonemas repetitivos para dar criatividade e rima ao texto, como a onomatopeia⁴;
- Figuras de pensamento: utiliza o aspecto semântico, isto é, o sentido da palavra para intensificar ideias, sentimentos ou raciocínios no texto, como a personificação⁵ e a hipérbole⁶ (DANTAS, 2014).

Para responder à problemática introdutória, aplicamos os conceitos semióticos e linguísticos acima descritos em folhetos do acervo virtual da biblioteca Átila Almeida, onde encontra-se o maior acervo de cordéis do mundo. Os folhetos foram selecionados a partir das palavras-chaves “Campina Grande”.

Utilizamos como base a pesquisa “Campina Grande Representada na Literatura de Cordel: Uma Análise Semiótica do Humor, Romance e Aventura”, acima referida. A pesquisa aplica a teoria semiótica na interpretação dos versos, imagens e figuras de linguagem utilizados pelos autores na construção dos folhetos.

Assim como na pesquisa original, consideramos como objeto de estudo os desenhos xilografados nas capas dos cordéis e trechos da poesia descritos nos folhetos. Os versos escolhidos são baseados no contexto do título do cordel e na temática abordada pelo autor, ou seja, separamos aqueles que mais deram ênfase à proposta central do autor.

² Metáfora: Figura de linguagem onde usa-se o sentido de uma palavra em outra, por meio de uma comparação não explícita. Ex.: Ele é um astro (uma pessoa muito famosa).

³ Pleonasmo: Repetição de uma palavra para enfatizar ou intensificar o que está sendo dito. Ex.: “vi com meus próprios olhos”.

⁴ Onomatopeia: é uma palavra formada a partir da imitação de um som. Ela tenta reproduzir o barulho que representa. Ex.: tic-tac, boom, miau.

⁵ Personificação: Atribui a seres inanimados ou abstratos ações e emoções humanas. Ex.: a brisa do vento me abraça.

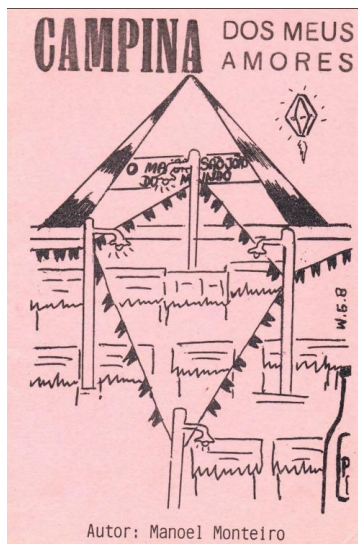
⁶ Hipérbole: Figura de linguagem que indica exagero. Ex.: morrer de rir.

Para aplicação neste artigo, selecionamos três cordéis estudados na pesquisa original. Os cordéis remetem à cidade de Campina Grande com características próprias e de acordo com a visão dos poetas à época em que foram escritos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Campina dos meus amores

Manoel Monteiro (2006)



Imagem/Reprodução: Acervo virtual biblioteca Átila Almeida

Percebe-se que a imagem escolhida para representar os amores do poeta pela cidade, é um conjunto de ícones que remetem a maior festa popular da cidade: o Maior São João do Mundo, que acontece em Junho. Veja que há índices da pirâmide do Parque do Povo (principal área de shows da cidade durante o período junino), das palhoças, dos balões e da estrutura geral do Parque (com os postes de luz e as bandeirolas neles penduradas). São ícones que remetem a identificação da cidade como referência de festa e tradição. A capa comunica o clima festivo de Campina Grande e o apego à cultura popular que está enraizada nos moradores da cidade, uma vez que, durante o período junino, a cidade se transforma para receber as festas de São João.

Ao longo dos versos do cordel, o poeta traz um contexto geral da formação da cidade. Além disso, utiliza símbolos que remetem ao título e ao tema central do cordel: o amor por Campina Grande. Veja os exemplos abaixo:

No Nordeste brasileiro
A geografia traça
Uma cidade bonita
Que a brisa **beija e abraça**
"Bela namorada minha"
Todos o chamam RAINHA
Por seu **charme** e sua **graça**.

No dorso da Borborema
 CAMPINA está incrustada
 Com o **coração aberto**
 E a **porta escancarada**
 Os visitantes percebem
 Que ao chegarem recebem
Festa, aconchego, pousada (MONTEIRO, 2006)

São utilizadas figuras de linguagem como símbolos para identificar as sensações do poeta (índices) pelo objeto Campina Grande. Entre as figuras de linguagem, podemos destacar:

- **personificação** no verso “Que a brisa beija e abraça”, para se referir ao clima ameno e aconchegante de Campina;
- **metáfora** em “Rainha”, em alusão à grandeza, beleza e ao título da cidade como Rainha da Borborema;
- **hipérbole** nos trechos “coração aberto” e “porta escancarada”, para referir-se a imagem de uma Campina acolhedora que recepciona todos os forasteiros que chegam à cidade.

Todo o cordel traz o aspecto amoroso de uma cidade que serve como exemplo para outras. Todos os signos semióticos tratados no cordel são praticamente de um paraíso, onde tudo funciona na mais perfeita harmonia, como se a cidade não tivesse defeitos. Inclusive, até quem vai embora da cidade, tem pressa em voltar:

(...)
 Em CAMPINA o povo é bom,
 O clima ameno e gostoso
 Turistas são recebidos
 De modo bem carinhoso,
 Nesta cidade robusta
Chegar e ficar não custa
Mas ir embora é custoso
 (...)
 Minha CAMPINA de PRATA
 Meu amor, minha beldade
 O meu xodó é você
Namoro da mocidade
 Tu és todo meu passado
 E a minha eternidade
 Inquieta criatura,
 Roceira, bela e tão pura
 OURO em forma de CIDADE (MONTEIRO, 2006)

O poeta finaliza o cordel ainda com símbolos românticos que, para quem observa de fora, tem a ideia de uma cidade modelo em tudo em que se compromete a fazer. É um cordel e uma declaração de amor à Rainha da Borborema.

4.2 Campina Grande, a viola e as belezas do Nordeste

Antônio da Mulatinha (1976)



Imagem/Reprodução: Acervo virtual biblioteca Átila Almeida

A xilogravura deste cordel é baseada na manifestação cultural da cantoria e da embolada, características da região nordestina. A representação dos homens sentados frente a frente, são ícones das disputas em versos, protagonizadas pelos poetas e repentistas. Nessas disputas, os poetas e cantadores, acompanhados por violas, declamam versos rimados utilizando o improviso a partir de assuntos pré-determinados (RODRIGUES, 2022). Mesmo que não haja imagens de prédios ou espaços públicos de Campina Grande, os cantadores também são ícones que remetem a forte presença cultural da cidade que misturam-se com os festejos juninos.

Nos versos, o poeta traz a contextualização histórica da cidade e, assim como os demais, também exalta Campina Grande como uma cidade modelo e perfeita em todos os aspectos.

Campina cidade honrada
 conheço bem o segredo
 por seu Teodósio Lêdo
 foi certamente fundada
 a primeira casa formada
 lá na Praça da Bandeira
 e assim **tomou carreira**
 cresceu em nada fracassa
 hoje é a **mais rica praça**
 da República Brasileira. (MULATINHA, 1976)

Perceba que nas palavras destacadas acima, há a utilização de figuras de linguagem como a hipérbole no “tomou carreira”, em alusão ao crescimento socioeconômico da cidade na época. Vale ressaltar que Campina, na década de 70, era destaque na economia a nível nacional, principalmente pelo comércio e exportação do algodão. O poeta utiliza-se de

símbolos semióticos como “mais rica praça” e “ponto central dos sertões”, para descrever Campina como uma cidade de economia ativa que impacta outras cidades e estados vizinhos.

Campina **ponto central**
 dos sertões paraibanos
 dos sertões pernambucanos
 é o caminho da capital
 de João Pessoa e Natal
 é o centro algodoeiro
 de **beleza** e de dinheiro
 de **estudo e liberdade**
 e é a maior cidade
 do nordeste brasileiro (MULATINHA, 1976)

Em comparação com os dias atuais, Campina Grande não é mais o centro algodoeiro, mas continua sendo centro de estudo, por ter diversas universidades e ser referência em polos tecnológicos. Também ainda se destaca pela liberdade comercial, já que boa parte da economia da cidade é movimentada pelo comércio varejista. Além disso, Campina também continua sendo ponto de fácil acesso para outras regiões da Paraíba e outros estados do Nordeste.

4.3 A mulher que castrou o marido em Campina Grande

Apolônio Alves dos Santos (1985)

(...)
 Campina é uma cidade
 do Nordeste brasileiro
onde tem mulher sobrando
sem possuir companheiro
 porque os homens de lá
 estão no Rio de Janeiro

Por isso que um só varão
 sendo homem de verdade
 possui dez doze mulheres
 mesmo sem ter vaidade
 e até muitas esposas
 apoiam a sociedade (SANTOS, 1985)

Este é um cordel que mistura a narração do fato com humor. Sim, uma mulher realmente “castrou” o marido em Campina Grande. O cordel foi datado pela biblioteca Átila Almeida como sendo original de 1985. Porém, em 5 de agosto de 1986, o jornal Diário da Borborema noticiou um fato muito parecido com o narrado pelo cordel. Veja:

DIÁRIO DA BORBOREMA
FUNDADOR DOS DIÁRIOS ASSOCIADOS: ASSIS CHATEAUBRIAND - Campina Grande, Terça-Feira, 05 de Agosto de 1986 - Ano XXVIII - Nº 340 - Preço Cr\$ 4,00

Mulher castra marido à faca

Tomada por um ciúme possesso, a doméstica Maria Solange da Silva, de 21 anos, decepou com uma faca-peixeira, todos os órgãos genitais do esposo, Dimas Sidrônio da Silva, de 23 anos, jogando-os em seguida para o cachorro, que em poucos minutos os consumiu.

O crime deixou perplexa a população de Montadas, onde reside o casal e ocorreu após Dimas pegar no sono pela manhã, depois de retornar de uma noite de intenso trabalho numa Casa de Farinha. A vítima está internada no Hospital Geral de Esperança e parece não se dar conta da gravidade da situação que enfrenta.

Dimas terá que usar, para o resto da vida, uma sonda para auxiliar o aparelho excretor. Um dos médicos que assiste a Dimas, revelou que ele perderá todo o cabelo, barba e bigode, quando entrar num processo de Histerme.

Ontem, dizendo-se arrependida, a doméstica Maria Solange, depois de levar o flagrante, compareceu à Polícia e foi ouvida pelo delegado de Montadas, Cabo Gerson. Disse que agiu com ciúmes levada "pelo De Esperança e parece não se dar conta da gravidade da situação que enfrenta."

(PÁGINA 14)



...cortou todos os órgãos genitais de Dimas

Agricultor que matou a filha a facadas ia também matar o genro

O vaqueiro, Francisco Lourenço da Silva, de 44 anos, que assassinou a filha Maria do Socorro, de 19 anos, com 17 facadas, sepultando-a em seguida numa cova rasa na Fazenda Aniceto, em São José do Maranhão, também matou o namorado da jovem, o aplicador Maurício Marcolino da Silva, que reside em Galiléia.

A revelação do pai de Moisés, José Daniel, que disse ter Francisco acusado por seu filho em Galiléia, momentos depois de ter morto a filha a facadas, Francisco Galvão, irmão da jovem morta, está inconsciente e deseja ver o marido preso o mais rápido possível. A Polícia ainda não localizou Francisco, que fugiu após cometer o crime.

Francisco matou a filha, indignado com o seu namoro com Moisés, que é casado e que quase também era morto pelo sogro.

(PÁGINA 14)



Cef vai fechar 20 por cento de suas agências

É possível que 20% das agências da Caixa Econômica Federal na Paraíba, sejam, em breve, fechadas por contenção de despesas. O gerente-geral da CEF no Estado, Hernando José Farias, foi quem admitiu essa possibilidade, após participar em Recife, de uma reunião de diretores da instituição durante a qual foram definidos parâmetros para concretizar esse fechamento sem que isto resulte em demissões.

Haverá, quando a medida for tomada o remanejamento de funcionários. As medidas analisadas, segundo ele, incluem também a redução, em 30% do valor de gratificações hoje pagas por quem exerce funções de confiança e também um corte de 25% das funções de chefia, agora o fim do subsídio aos restaurantes.

Imagem/Reprodução: Acervo da biblioteca Atila Almeida

A matéria de capa trazida pelo jornal narra a história de Dimas Sidrônio da Silva, de 23 anos e de Maria Solange da Silva, de 22 anos. Casados há seis anos, Dimas e Solange tinham três filhos. Ambos eram moradores de Montadas, cidade vizinha a Campina Grande, que já pertenceu ao território do município. Segundo o jornal, Solange, "tomada por um ciúme possesso, decepou com uma faca-peixeira, todos os órgãos genitais do esposo, jogando-os em seguida para o cachorro, que em poucos minutos os consumiu" (BORBOREMA, 1986).

Ainda segundo o Diário da Borborema, Solange afirmou que tinha muito ciúmes do marido, porque ele sempre chegava tarde em casa. Ela acreditava que ele estaria acompanhado por outra mulher. Dimas trabalhava em uma casa de farinha e teria passado dois dias no trabalho antes de voltar para casa, no dia do crime. Solange ainda afirmou ao Diário que teria ouvido a voz do demônio, que a forçou a pegar a faca, arrancar os órgãos de Dimas e, em seguida, jogá-los para o cachorro da família, "Feroz", comer.

MA Campina Grande, terça-feira, 5 de agosto de 1986 POLICIAL

Mulher castra o marido e bota órgãos genitais para o cachorro se alimentar

MEM:



Ainda com a faca na mão, Solange se mostra desolada com o castigo promovido contra seu marido



O cão denominado de "Feroz" foi alimentado com os órgãos genitais do seu próprio

Meismo revelando que que na realidade seu criador de urina, enquanto para concluir suas

Imagem/Reprodução: Acervo da biblioteca Atila Almeida

Dimas foi internado às pressas no hospital Regional de Esperança (vizinho a Campina

Grande). Solange, por sua vez, foi internada no Hospital Psiquiátrico João Ribeiro, em Campina Grande, “apresentando problemas psiquiátricos identificados como psicopatia passiva” (BORBOREMA, 1986). Ainda segundo o jornal, Dimas promoveu uma campanha para tentar um transplante do órgão genital perdido, em São Paulo.



Imagem/Reprodução: Acervo da biblioteca Átila Almeida



Imagem/Reprodução: Acervo da biblioteca Átila Almeida

A história narrada pelo poeta, por sua vez, utiliza artifícios cômicos para deixar o caso menos tenso. Aqui os signos semióticos estão presentes nas hipérboles utilizadas pelo autor.

A imagem da capa é um ícone que tem semelhança física com objeto. Neste caso, a figura do homem deitado é um ícone que representa o marido vítima do crime, chamado de Zé Guarabira; a imagem da mulher segurando uma faca, representa a autora do delito, identificada no folheto como Zulmira; a faca é a arma usada no crime e a xilogravura do ambiente (como o vaso de planta e a cama) é o cenário onde o crime aconteceu: na casa do então casal.



Imagem/Reprodução: Acervo virtual biblioteca Átila Almeida

Este cordel de alívio cômico, também traz signos semióticos que identificam o contexto social de Campina Grande naquela época. Nos versos destacados acima, o poeta afirma que boa parte dos homens mudaram-se para o Rio de Janeiro, justamente na época (décadas de 1970 e 1980) em que havia um intenso êxodo de pessoas indo ao Sudeste na expectativa de conseguir empregos e remunerações mais atrativas (LIMA, 2008). São símbolos que indicam o contexto socioeconômico da época.

Nos versos, o poeta afirma que, por causa da migração, os homens que ficavam assumiram muitas mulheres, o que a personagem Zulmira não aceitou muito bem:

(...)
Sua mulher vendo aquilo
começou devagarinho
tirou-lhe a roupa fingindo
que lhe fazia carinho
ele confiando nela
dormia como um anjinho

A mulher nesse momento
com seu instinto fraco
depois dele está despido
ela pegou-o pelo saco
e foi metendo a peixeira
deixou somente o buraco (SANTOS, 1985)

O trecho destacado mostra a relação de confiança entre Zé e Zulmira. A metáfora “como um anjinho” refere-se a um sonho profundo e inocente: símbolo que remete a figura de linguagem do objeto “confiança”.

(...)
E a respeito do Zé
não se sabe o que se deu
se foi substituído
aquele produto seu

se ficou mesmo sem nada
ou se restabeleceu (SANTOS, 1985)

Por mais que o fim de Zé Guarabira não tenha sido satisfatório para ele, analisar o cordel do ponto de vista semiótico, faz-nos perceber as relações pessoais, sociais e econômicas presentes no texto. O poeta apresenta nos versos possíveis características de ciúmes e de infidelidade conjugal, sob a justificativa de intensa migração masculina da época, que teriam custado a Zé “aquele produto seu” (símbolo semiótico de hipérbole linguística que refere-se ao órgão genital masculino).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que os cordéis guardam retratos históricos da cidade de Campina Grande. Seja no aspecto cultural, social ou econômico, os poetas utilizaram a comunicação através de versos e rimas para detalhar a realidade vivenciada ao escrever os folhetos.

É possível perceber que as histórias no cordéis, em sua maioria, retratam uma cidade quase perfeita, onde tudo acontece e nada falta. Consideramos que, ao se tratar de comunicação escrita e documentada, os poetas podem ter optado por enfatizar as coisas boas da cidade, como forma de divulgação e convite a quem desejava conhecer o interior paraibano.

Analisar os cordéis a partir de conceitos semióticos da comunicação, ajuda-nos a entendê-los enquanto produções linguísticas, analisando os gêneros escolhidos pelos autores e os contextos socioculturais vivenciados por eles ao escreverem a obra. Assim, torna-se possível enxergar o avanço das tradições regionais, dos ditos populares e as semelhanças entre a cultura contemporânea e àquelas penduradas nos barbantes.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Izaías Gomes de. **Historia da literatura de cordel**: de Portugal para o Brasil. 2022. 135 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de Lisboa, Lisboa, 2022. Disponível em: <repositorio.ulisboa.pt/bitstream/10451/55932/1/ulfligassis_tm.pdf>. Acesso em: 25 maio 2025.

BRASIL. Ministério da Cultura. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). **Literatura de Cordel**. 2018. Disponível em: <bcr.iphan.gov.br/bens-culturais/literatura-de-cordel/>. Acesso em: 20 maio 2025.

CADÓ, E. J. **A Literatura de Cordel no Ensino de História Local**: memórias do cangaço no Rio Grande do Norte. 2021. 111 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) - Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021.

DANTAS, Janduhi. **As figuras de linguagem na linguagem do cordel**. Petrópolis, RJ: Vozes, 214. 98 p.

LIMA, Rosania de Almeida de. **Trabalho, família, amigos: construções de identidade de um migrante nordestino no Rio de Janeiro em entrevista de pesquisa**. 2008. 132 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <https://www.maxwellP.vrac.puc-rio.br/13349/13349_1.PDF>. Acesso em: 16 set. 2024.

MONTEIRO, Manoel. **Campina dos meus amores**. Acervo Virtual – Biblioteca Átila Almeida. Campina Grande, 2006.

MOREIRA, Terezinha Taborda. Literatura e oralidades. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 19, n. 37, p. 9-20, jul. 2015. Disponível em: <<file:///C:/Users/Jo%C3%A3o/Downloads/Dialnet-LiteraturaEOralidades-5821946.pdf>>. Acesso em: 23 maio 2025.

MULATINHA, Antônio da. **Campina Grande, a viola e as belezas do Nordeste**. Acervo Virtual – Biblioteca Átila Almeida. Campina Grande, 1976.

OLIVEIRA, Ionara Raissa Ferreira de. **O Cordel no Ensino de História: Abordagem Sobre o Museu de Arte Popular como Patrimônio Cultural de Campina Grande** - PB. 2020. 30 f. TCC (Licenciatura em História), Departamento de História, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2020. Disponível em: <<https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/23361/1/organized%20%287%29.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2025.

PIGNATARI, Décio. **Semiótica & Literatura**. 6. Ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2004. 119 p.

RODRIGUES, Rodolfo. **A musica na cantoria: processos de transmissão musical na prática do cantador repentista**. 2022. 146 f. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022. Disponível em: <repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/25505/1/RodolfoRodrigues_Dissert.pdf>. Acesso em: 23 maio 2025.

SANTOS, Apolônio Alves dos. **A mulher que castrou o marido em Campina Grande**. Acervo Virtual – Biblioteca Átila Almeida. Campina Grande, 1985.

SANTOS, Charlene Maria dos. **Percurso temático e figurativo na Literatura de Cordel**. 2016. 114 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016. Disponível em: <<repositorio.ufpe.br/handle/123456789/25072>>. Acesso em: 23 maio 2025.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é Semiótica**. 2. Ed. São Paulo: Brasiliense, 2003. 86 p.

SILVA, Orlando Ângelo da. **Literatura Popular e Jornalismo: A Literatura de Cordel no Caderno de Cultura do Diário da Borborema**. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Ciências da Sociedade) Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2007.

SILVA, Orlando Ângelo da; TRAJANO, João Carlos Gomes. Tradições Paraibanas Representadas na Literatura de Cordel: comunicação, história e memória. In: FERNANDES, Guilherme Moreira (org.). **Anais da XXI Conferência Brasileira de Folkcomunicação: processos folkcomunicacionais e ativismos antirracistas**. Campina Grande: Eduepb, 2025. p. 241-254. Disponível em: <<https://eduepb.uepb.edu.br/e-books/>>. Acesso em: 12 maio 2025.

TEIXEIRA, Larissa Amaral. **Literatura de Cordel no Brasil: os folhetos e a função circunstancial**. 2008. 44 f. TCC (Graduação em Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo) - Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2008. Disponível em: repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/1840/2/20513195.pdf. Acesso em: 16 jun. 2023.

VOLLI, Ugo. **Manual de Semiótica**. São Paulo: Loyola, 2007. Tradução: Silva Debetto C. Reis.

WATZLAWICK, Paul.; BEAVIN, Janet Helmick.; JACKSON, Don D. **Pragmática da Comunicação Humana: um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação**. São Paulo: Pensamento, 1967.